

EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES À LEITURA DO LIVRO

A LÍNGUA DE EULÁLIA

Estes exercícios foram elaborados para que você leve adiante a reflexão e a pesquisa sobre os temas discutidos em *A língua de Eulália*. Em sua maioria, são exercícios que apelam para a capacidade de formular hipóteses, tirar conclusões a partir dos dados oferecidos e teorizar sobre os assuntos. Se quiser discutir com o autor, tirar dúvidas e fazer comentários ou sugestões, mande uma mensagem para editorial@editoracontexto.com.br. Bom trabalho!

1) Compare os quadros abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	PORT.-PADRÃO	PORT. NÃO-PADRÃO
pretiu	preço	paciência	paciença
iustitia	justiça	notícia	notiça
cupiditia	cobiça	imundície	mundiça
factitiu	feitiço	edifício	edifiço
pigritia	preguiça	polícia	poliça

Que conclusões podemos tirar dessa comparação?

2) Existe um interessante fenômeno de concordância verbal que já se tornou praticamente uma regra no português brasileiro contemporâneo, sobretudo falado, mas também escrito, em todas as classes sociais, independentemente do grau de escolarização dos falantes. Observe os exemplos abaixo, retirados de língua escrita produzida por sujeitos plenamente escolarizados, procure coletar outros exemplos e tente formular uma explicação para o fenômeno:

- i. “O sobrenatural aqui fica em segundo plano. A postura da mãe [...] que tenta provar a todos que pode cuidar da filha sozinha é o ponto mais valorizado. Mas, claro, por estar inserido no filão, acontece algumas situações tensas aqui e outras ali – principalmente no terceiro ato da trama.” (*Correio Braziliense*: <http://divirta-se.correioweb.com.br/cinema.htm> [acesso em 12/8/2005])
- ii. “De fato, é bastante presente nas histórias das línguas essas duas camadas de uma dinâmica [...]” (Texto produzido por estudante de Letras da Universidade de Brasília)
- iii. Quando era garoto jogava futebol na rua e ficava as marcas de bola nas paredes. Peguei essa idéia e fiz uma imensa parede com furos, como se fosse uma marca de bola. http://www.fjsp.org.br/aquarela/cult_30a.htm [acesso em 20/8/2006]
- iv. A que ponto chegou os políticos no Brasil. O Congresso Nacional virou uma quadrilha de ladrões. Em que o povo e o País ficaram para o segundo plano. http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod_Post=6974 [acesso em 20/8/2006]

- v. Antonio Manoel, muito me encantou os poemas da 18a. atualização. Parabéns mais uma vez...

<http://www.sardenbergpoesias.com.br/livro.php?livro=6&di=102> [acesso em 20/8/2006]

3) Segundo as gramáticas normativas, o pronome LHE deve ser usado unicamente com a função de objeto indireto com referência à 3ª pessoa do singular, como em “Dei o livro *a Pedro*” = “Dei-*lhe* o livro”. No português brasileiro contemporâneo falado, no entanto, as regras de uso do pronome LHE são bem diferentes da prevista pelas gramáticas normativas. Observe, na variedade de sua cidade ou região, (i) se o LHE é usado habitualmente na fala das pessoas; (ii) se for usado, qual a função que esse pronome realmente exerce nessas manifestações da fala; (iii) se existe diferença social importante entre as pessoas que usam o LHE nessa variedade com essas funções.

4) Examinando a história da língua portuguesa encontramos diversos casos de quebra de grupos consonantais por meio da inserção de uma vogal:

planu > prão > porão
blatta > brata > barata
kruppa > grupa > garupa

Esse fenômeno recebe o nome técnico de *suarabácti* ou *anaptixe*. Ele continua em ação no modo de pronunciarmos palavras como *pneu*, *advogado*, *rapto*, em que procuramos dar “voz” às consoantes chamadas “mudas”. Observe que muitas dessas consoantes “mudas” deixaram de ser escritas porque deixaram de ser pronunciadas (sobretudo por nós, brasileiros): *dire[c]tor*, *a[c]tor*, *ado[p]tar*, *Egi[p]to*, *cé[p]tico*, *fa[c]to*, *afe[c]to*, *ce[p]tro*, *au[g]mentar*, *cará[c]ter*, *fleu[g]ma* etc. O suarabácti também se encontra em palavras características de algumas variedades regionais brasileiras como *fulô* (‘flor’), *paricêro* (‘parceiro’), *taramela* (‘tramela’), *terém* (‘trem’), *convulsão* (‘convulsão’), *dificuldade* (‘dificuldade’) etc. Formule uma hipótese para explicar essa tendência.

5) Em certas variedades do português brasileiro ocorre a pronúncia “tch” da consoante /t/ em palavras como *tia*, *tiro*, *cativo*, *otite*, *lote* etc.. Em outras variedades, a mesma pronúncia “tch” ocorre em palavras como *oitó* (pronunciada “otchu”) e *muító* (pronunciado “muntchu”), tal como se dá em espanhol com as palavras *ocho* e *mucho*. O surgimento desse som palatal “tch” tem uma mesma explicação lingüística nos dois casos. No entanto, sabemos que existe uma diferença importante na avaliação *social* dessas pronúncias. Diante disso, responda: (i) que fenômeno de ordem fonética explica o surgimento dessa pronúncia?; (ii) por que existe diferença de avaliação social para os falantes que dizem “tchia”/ “otchitche” e para os que dizem “otchu” / “muntchu”?

6) Em variedades rurais brasileiras encontramos formas lingüísticas como *lũa* (com nasalização do u), *fruíta*, *luita*, *dereito*, *sumana*, *adonde*, entre outras, que são alvo de estigma e preconceito da parte dos falantes urbanos. No entanto, essas mesmas

formas aparecem registradas em textos portugueses arcaicos, medievais. O que isso nos revela?

7) O tratamento dado à variação lingüística em muitos materiais didáticos é, freqüentemente, superficial e distorcido. O principal problema é a desconsideração de que também ocorre variação lingüística na língua falada (e escrita) dos cidadãos plenamente escolarizados, com alto poder aquisitivo e prestígio social. A variação lingüística, portanto, não é exclusividade dos falantes rurais, pobres, analfabetos. Na realidade, o modelo de língua descrito e prescrito nas gramáticas normativas se baseia em estados antigos da língua e em usos muito restritos, como a escrita literária mais consagrada. Uma análise bem feita dos usos lingüísticos dos falantes que gozam de prestígio social revela que, apesar de toda a pressão exercida pela norma-padrão tradicional, a língua que eles falam (e já começam a escrever) apresenta muitas diferenças em relação àquele modelo idealizado. O mais grave é quando essas diferenças são atribuídas exclusivamente à “língua popular”, à “fala do povo”, como se não estivessem registradas também na “língua culta” e mesmo na escrita mais monitorada de jornalistas, ensaístas, tradutores, escritores etc. Um desses fenômenos não previstos pela tradição normativa é o uso do pronome *se* como ocorre nos exemplos abaixo:

- i. Os bancos, *como era de se esperar*, chiaram contra qualquer hipótese de serem forçados a manter linhas ou comprar bônus do Brasil (*Folha de S. Paulo*, 13/11/1998, p. 1-12).
- ii. Mas muitos vêm o boxe, particularmente a categoria dos pesos pesados, como um meio *fácil de se ganhar* dinheiro (*Folha de S. Paulo*, 8/8/1997, p. 3-12).
- iii. Era um apito *bom de se ouvir*, debaixo dos lençóis, e quanto mais distante se ouvia aquele trinado maior era o espaço protegido dos fantasmas e ladrões da noite (*Folha de S. Paulo*, 27/1/1996, p. 1-2).
- iv. O certo é que futebol é *bonito de se ver*. E *bom de se ler* quando os textos envolvem o leitor com os ingredientes que cercam o futebol (*Folha de S. Paulo*, 7/1/1996, p. 1-6).
- v. *Comédias para se ler na escola* (título de um livro de Luís Fernando Veríssimo)
- vi. Assim, é cada vez maior o desafio e a dificuldade *de se ensinar* língua materna no Brasil, pois existem cobranças em todos os setores da sociedade que recaem principalmente sobre o professor de língua. (Texto produzido por professora de português do Distrito Federal).
- vii. Quando ficou forte era *de se esperar* que fugisse imediatamente mas demorou a ir em busca do próprio destino [...] (Clarice Lispector, *Água Viva*)

(a) Explique qual a função sintática exercida pelo *se* nesses exemplos.

- (b) Pesquise o tratamento que esse uso do pronome *se* recebe em gramáticas normativas e outros materiais de divulgação da norma-padrão tradicional.
- (c) Pela origem dos exemplos acima, o que se pode concluir acerca desse fenômeno de mudança lingüística e de sua relação com a gramática normativa?
- 8) O trabalho sociolingüístico se faz sempre com base num *corpus*, isto é, num conjunto de língua falada e/ou escrita autêntica, coletado pelo pesquisador. Nesse material o pesquisador busca os dados referentes ao fenômeno lingüístico que está interessado em conhecer melhor. A constituição do *corpus* é uma tarefa que requer boa metodologia de coleta, seleção e análise dos dados. Nas *Sugestões de Leitura* ao final do livro aparecem algumas obras de Marcos Bagno e outros autores que podem ajudar você nessa tarefa. Procure ler as obras de Bagno (2001 e 2007) e Tarallo (1985). No excelente portal do Museu da Língua Portuguesa na internet — www.museudalinguaportuguesa.org.br — existe um rico material de língua falada e escrita já pronto para ser pesquisado, além de ligações com outras páginas virtuais de projetos de pesquisa.

Depois de constituído o seu *corpus*, você pode investigar alguns fenômenos gramaticais muito importantes que vêm chamando a atenção dos lingüistas interessados em estudar os processos de mudança que estão se processando no português brasileiro. Alguns desses fenômenos, que você poderia pesquisar, são:

- i. o apagamento das preposições diante dos pronomes relativos, como em “o filme [] que eu gosto”, “a casa [] que eu moro”, no lugar do previsto pela gramática normativa: “o filme de que eu gosto”, “a casa em que eu moro”. Esse fenômeno, chamado na literatura especializada de *orações relativas cortadoras*, está presente na língua falada de todos os brasileiros, inclusive dos classificados de “cultos”. As preposições, nessas construções, só aparecem em textos escritos muito monitorados, embora as pesquisas recentes apontem para o apagamento das preposições também nesses textos;
- ii. ainda no caso das orações introduzidas por pronomes relativos, pode ocorrer também a preposição depois do verbo, seguida de um pronome-cópia, como em “aquela é a moça que eu viajei com ela” ou “caiu a ponte que nós passamos por ela ontem”, em vez de “aquela é a moça com quem eu viajei” ou “caiu a ponte por que nós passamos ontem”. Essas construções são chamadas de *orações relativas copiadoras*;
- iii. além de ocorrer com os complementos de preposição, a copiadora também ocorre com os sujeitos, como em “eu tenho uma vizinha que ela é argentina”;

- iv. outro fenômeno que diz respeito aos pronomes relativos é o desaparecimento do *cujo*, praticamente extinto da língua falada, onde foi substituído por construções cortadoras — “*aquele rapaz que o carro foi roubado*” — ou copiadoras — “*aquele rapaz que o carro dele foi roubado*”;
- v. o pronome *ele* (e flexões) exerce papel de objeto direto na língua portuguesa há muitos séculos, como se pode verificar em textos medievais portugueses. Embora tenha desaparecido do português europeu, o uso de *ele* como objeto direto — “*O Chico? Eu conheço ele muito bem*” — está muito vivo no português brasileiro e africano. Os pronomes prescritos pela gramática normativa para ocupar o papel de objeto direto de 3ª pessoa — *o, a, os, as* — praticamente desapareceram da língua falada por todos os brasileiros e só sobrevivem nos textos escritos mais monitorados. Além do *ele*, nós brasileiros usamos (e com muito maior frequência) o chamado *objeto nulo*, como em “*procurei o livro que você recomendou, achei [], comprei [], ainda não [] li, mas já [] emprestei ao João*”;
- vi. as regras para a formação do modo imperativo prescritas pelas gramáticas normativas não correspondem a absolutamente nenhum dos usos reais encontrados na língua falada dos brasileiros: há uma distribuição muito interessante, do ponto de vista regional, entre as formas derivadas do indicativo (*anda, deixa, vem*) e as derivadas do subjuntivo (*ande, deixe, venha*), além de um uso mais frequente das formas subjuntivos em determinados gêneros escritos. No livro de Marta Scherre (2005) citado nas *Sugestões de Leitura* há uma boa discussão sobre o tema;
- vii. as gramáticas normativas prevêem um sistema trinário de demonstrativos: *este-esse-aquele*. No entanto, na fala espontânea dos brasileiros, esse sistema se reduziu a *esse-aquele*, com a indicação, por meio de advérbios de lugar, da proximidade ou distância do falante em relação ao que está dizendo: *esse carro aqui, esse carro aí, aquele carro lá*;
- viii. muitas regências verbais previstas pela tradição normativa não correspondem mais aos usos autênticos da língua, tendo sofrido mudança ao longo da história. Por isso, dizemos “*assisti o filme*”, “*o projeto implica em gastos muito altos*”, “*José namora com Ana*”, “*respondi todas as questões do teste*” etc.

Esses fenômenos, e muitos outros, são encontrados na língua falada de todos os brasileiros, independentemente da classe social, do grau de escolarização e do poder aquisitivo. É equivocado, portanto, atribuí-los somente à “língua popular” ou à fala das pessoas “ignorantes”. A pesquisa sociolinguística e seus resultados podem contribuir muito para eliminar esses julgamentos apressados e muitas vezes preconceituosos.